

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Amanda Araci Ferreira Pacheco

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INTERMEDIADOS POR PROJETO DE
TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Trabalhando com crianças de 3 e 4 anos**

Belo Horizonte

2015

Amanda Araci Ferreira Pacheco

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INTERMEDIADOS POR PROJETO DE
TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Trabalhando com crianças de 3 e 4 anos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Dr^a. Maria Carolina Silva Caldeira.

Belo Horizonte

2015

AMANDA ARACI FERREIRA PACHECO

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO INTERMEDIADOS POR PROJETO DE
TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Trabalhando com crianças de 3 e 4 anos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Dr^a. Maria Carolina Silva Caldeira.

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Maria Carolina da Silva Caldeira – Faculdade de Educação da UFMG

Lívia Maria Fraga Vieira – Faculdade de Educação – UFMG.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos, João Pedro e Isabela, e ao meu marido Reinaldo que sempre tiveram ao meu lado.

À minha mãe pelo exemplo de vida.

À minha sogra Maria por seu grande carinho.

Agradeço também a todos que de alguma forma me ajudaram nesta trajetória.

Em especial minha orientadora Maria Carolina.

Às minhas amigas Solange, Sabrina e Flávia.

À minha prima Karla Lucimara que muito amo.

Muito obrigada!

“É NA MEDIDA EM QUE SE VIVE NUM MEIO SOBRE O QUAL É POSSÍVEL AGIR, NO QUAL É POSSÍVEL, COM OS OUTROS, DISCUTIR, DECIDIR, REALIZAR, AVALIAR... QUE SÃO CRIADAS AS CONDIÇÕES MAIS FAVORÁVEIS AO APRENDIZADO”.

JOSETTE JOLIBERT, 1994

RESUMO

Tradicionalmente entendemos que o papel da escola em relação à leitura e escrita limita-se ao simples domínio do sistema alfabético da escrita ao qual chamamos de alfabetização. Ou muitas vezes, quando se trata da Educação Infantil, tem-se um conflito sobre alfabetizar ou não colocando a criança nesse lugar de só brincar e nada mais. No entanto, sabemos que dentro de um ambiente escolar a criança deve ser o protagonista de sua história. O professor, portanto o mediador do conhecimento. Junto com a criança ele constrói hipóteses de leitura e escrita, é preciso conhecer uma grande variedade de textos, assim como seu uso social e sua estrutura. Como trabalhar com as crianças respeitando seu tempo e suas especificidades? O tema deste trabalho é analisar e identificar as práticas de alfabetização e letramento proporcionadas por um projeto de trabalho na turma mista de 3 a 4 anos da UMEI São Gabriel. Segundo Hernández (1998, p.63) *a aprendizagem, nos projetos de trabalho baseiam-se nas descobertas espontâneas dos alunos*. Desenvolvi um plano de ação que surgiu da curiosidade dos alunos sobre um girassol que ganhei e a partir das perguntas que surgiram acerca do assunto, decidimos fazer um projeto de trabalho a fim de sanar as curiosidades dos alunos, assim como favorecer uma aprendizagem significativa através de atividades de leitura e escrita espontânea, roda de conversa, observação dos processos de crescimento da flor, contato com diferentes gêneros textuais, produção de um livro e história coletiva. Esta indagação torna-se importante pelo fato de saber que a Educação Infantil tem o compromisso de garantir que o bem-estar, o educar e o brincar na infância, sejam uns dos principais objetivos desta etapa e que muitas vezes os professores não sabem o como trabalhar um assunto a partir da curiosidade do aluno, assim como trabalhar as práticas de leitura e escrita com crianças de três a quatro anos proporcionando o desenvolvimento e conhecimento do aluno. A intervenção aconteceu na sala de aula, em alguns momentos em casa com a colaboração da família, na realização atividades onde as crianças tiveram acesso a vários portadores de textos promovendo a leitura, conhecimento e construção da escrita. Assim, o presente trabalho propõe-se a refletir e analisar uma proposta de trabalho baseado em projetos em que é possível desenvolver muitas atividades em diferentes etapas do projeto que permitem aos alunos pensar e conscientizar-se sobre as múltiplas aprendizagens que abarcam o processo educativo e assim, compete ao professor viabilizar a construção e elaboração desses processos em que os conteúdos escolares se manifestam de forma muito mais ampla e flexível, partindo de uma descoberta dos alunos.

Palavras-chave: Alfabetização – Criança – Projeto de trabalho (pedagogia de projetos).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS PRIMEIROS PASSOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE...	11
3. AS CRIANÇAS DA UMEI SÃO GABRIEL.....	14
4. DESENVOLVIMENTO	16
4.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
4.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	20
5. PLANO DE AÇÃO.....	24
6. CONCLUSÃO	44
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em que a escrita está no cotidiano da criança, está nas embalagens que a rodeiam, nos cartazes e outdoors por onde passam, nos programas de televisão, nas contas de água, luz ou telefone que seus pais recebem, nas placas de banheiros, de trânsito etc. Privar as crianças de entender, explorar ou elaborar hipóteses da escrita em suas diversas funções sociais é tirar delas o desejo de entender o mundo que as rodeiam. A criança vive em uma sociedade letrada e por consequência manifesta desejos de ler e escrever. “A apropriação pela criança dos sistemas de representação é pois, uma condição que lhe é dada pelo desejo de expandir seu universo simbólico.” (BAPTISTA, 2010, p. 09)

Ciente da inserção da criança no mundo da escrita e desejosa em fazer avançar os estudos neste campo, o que pretendo com este trabalho é analisar e identificar as práticas de alfabetização e letramento proporcionadas por um Projeto de Trabalho na turma mista de 3 e 4 anos da UMEI São Gabriel.

O objetivo desta pesquisa é perceber as práticas de alfabetização e letramento na turma mista de 3 a 4 anos da Umei São Gabriel proporcionadas pela realização de um Projeto de Trabalho e desta forma identificar as possibilidades de ampliação das práticas de letramento e alfabetização a partir dos trabalhos com projetos. O projeto de trabalho desenvolvido com a turma teve como objetivo pesquisar sobre o girassol e conhecer sua história, importância e utilidade. Como plantar e entender as etapas do seu crescimento. Utilizamos as práticas de leitura e escrita nas atividades que realizamos. A oralidade esteve presente principalmente nas rodas de conversa ao confrontarmos as ideias, observações, comparações, dúvidas, etc. Conhecer alguns gêneros textuais como poesia, listas, bilhetes, livro. E também entender a importância do profissional jardineiro convidando alguém que tenha essa profissão para nos falar um pouco sobre como é essa profissão, o qual importante ela é para nossa vida.

Atuo na educação infantil desde 2004 e uma das questões mais faladas entre nós professores é a questão do alfabetizar ou não na educação infantil. Ao observarmos tudo que é produzido no ambiente escolar, fica fácil ver que em sua maioria estão relacionados ao letramento e à alfabetização. As atividades expostas

nos murais da escola, o ambiente sala de aula quando nele está pregado o alfabeto, chamadinha com o nome das crianças, o parquinho em que se tem no chão um caracol com alfabeto, amarelinha com números, casinha com nome, o ambiente externo com placas nas portas das salas que a identificam e placas nos banheiros pra informar se é masculino e feminino. Tudo isso nos remete a práticas de leitura e escrita.

Percebo que a criança nessa faixa etária está em pleno processo de aprendizagem das múltiplas linguagens e que o brincar é a forma privilegiada da criança ser e estar no mundo. É possível afirmar também que muitos professores continuam com a ideia de que alfabetizar é ter sua sala parecida com as salas do Ensino Fundamental, cheia de exercícios de controle motriz, cópia de letras, sílabas ou palavras e textos sem nenhuma intenção funcional.

Ora, sabemos que as crianças iniciam o seu aprendizado do sistema da escrita, segundo Baptista (2010, p.10) *nos mais variados contextos, porque a escrita faz parte da paisagem urbana, e a vida urbana requer continuamente o uso da leitura*. As crianças desde muito cedo tentam compreender o mundo que a cerca interpretando ações cotidianas através de brincadeiras como por exemplo: brincar de “cabeleireira” (há uma secretária que atende as ligações, anota em seu caderno o dia e hora marcados para atendimento da suposta cliente, a cabeleireira que faz leituras de embalagens, horas, pagamentos, etc.). E nessa brincadeira as crianças percebem o uso funcional da escrita.

O meu projeto partiu de um questionamento feito pelas crianças acerca da curiosidade em saber sobre um girassol que tinha ganhado de um aluno. A partir desses questionamentos propus a turma que pesquisássemos sobre a planta para ter as respostas que queriam. Muitas foram as práticas de leitura e escrita que fizemos como escritas espontâneas, bilhetes para família, listas de coisas que precisamos para plantar o girassol, etc. Um projeto de trabalho segundo Leite (1996, p.8) *visa à ressignificação desse espaço escolar, transformando-o em um espaço de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões*. Assim, procurei contextualizar, dar significados, sentido a tudo que produzimos em sala de aula. É preciso que as crianças experimentem, vivenciem para que depois cheguem a alguma conclusão.

Foi desenvolvido um projeto com a turma do Chico Bento com crianças de 3 e 4 anos da UMEI São Gabriel no segundo semestre de 2014. Ao surgir o problema

sobre o girassol escrevi no quadro sobre o que sabemos, o que queremos saber e o que aprendemos. Foi proposto uma pesquisa sobre os girassóis. As crianças conseguiram compreender a proposta dada e ficaram muito entusiasmadas em pesquisar inicialmente sobre o girassol junto a família. Foram feitas atividades de artes com sucatas, produções de livros, pintura de tela em uma releitura do quadro “girassóis” de Van Gogh, teatro filmado, observações acerca do crescimento do girassol que plantamos, escritas de bilhetes, listas. Em todos esses momentos citados utilizamos práticas de escrita e letramento, assim como o desenvolvimento da oralidade. Esses tão importantes quanto os primeiros, pois segundo RCNEI (1998, p.120) A linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e interações de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.

2. OS PRIMEIROS PASSOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE

Antes da criação da UMEIS em Belo Horizonte, havia somente treze instituições de educação infantil, os então denominados Jardins de Infância. Sendo assim, as UMEIS foram criadas em 2004 na rede municipal de educação. Segundo Wikipédia¹ – a enciclopédia livre, o termo jardim de infância foi criado pelo alemão Friedrich Froebel, que entendia que as crianças deveriam ser cultivadas e cuidadas como uma planta justificando o seu raciocínio de jardim, havendo também a presença necessária do jardineiro para conduzir esse processo o que no caso reflete na figura do professor. Inicialmente o número de crianças atendidas ficava aquém da demanda populacional. Não havia nenhuma exigência específica para atuar nessa modalidade de ensino, pois as profissionais que trabalhavam nessas escolas ingressavam na Prefeitura de Belo Horizonte por meio de concurso público destinado à atender prioritariamente ao Ensino Fundamental.

Um dado relevante correspondente ao atendimento dessa clientela da educação infantil naquela época era o fato de que ela abrangia somente crianças a partir de 4 anos. As crianças mais novas eram encaminhadas para a rede particular, havendo também creches conveniadas com o município. Em 1994, criou-se o CEI (Centro de Educação Infantil). Este órgão que já extinto foi de suma importância para a educação como um todo, pois visava à formação dos docentes que se mantiveram na linha de frente com crianças de até seis anos de idade. É preciso destacar que o princípio norteador do CEI baseou-se no cuidar e no educar, somente a partir de tais preceitos as demandas da educação seriam levadas em pauta. Rosenberg (2010), *“a dívida da sociedade e da educação brasileira para com a criança pequena é enorme. O déficit é enorme para os grupos mais necessitados”* (p.178).

O direito da educação infantil é assegurado por Lei desde a atual Constituição Federal. É dever do Estado (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) assegurar educação infantil em creches e pré-escolas a todas as crianças (CF/ 88,

¹http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_de_infância

art. ,208 IV). *IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.*

Para isso, a Constituição organiza o dever de garanti-la, determinando que cabe aos municípios ofertar diretamente as vagas de educação infantil, e que os demais entes governamentais cabe apoiar técnica e financeiramente a criação e manutenção de vagas em creche e pré-escolas (art. 30, VI e art. 211, caput e inciso 2). § 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil Portanto, não podem os governos das demais instâncias a grosso modo “lavar as mãos” em relação à essa etapa de ensino.

Entretanto a aplicação de tal lei ainda não se revela em seu aspecto mais amplo de fato. Isso se deve ao fato de muitas vezes os programas da assistência social abarcarem com práticas assistencialistas visando minimizar um pouco da grande parcela carente e necessitada que tem o seu direito negligenciado pelas autoridades.

O direito da educação infantil é assegurado por Lei desde a atual Constituição Federal. É dever do Estado (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) assegurar educação infantil em creches e pré-escolas a todas as crianças (CF/ 88, art. 228, IV. Para isso, a Constituição organiza o dever de garanti-la, determinando que cabe aos municípios ofertar diretamente as vagas de educação infantil, e que os demais entes governamentais cabe apoiar técnica e financeiramente a criação e manutenção de vagas em creche e pré-escolas (art. 30, VI e art. 211, caput e inciso 2). Portanto, não podem os governos das demais instâncias a grosso modo “lavar as mãos) em relação à essa etapa de ensino.

Entretanto a aplicação da lei maior ainda não se revela em seu aspecto mais amplo de fato. Isso se deve ao fato de muitas vezes os programas da assistência social abarcarem com práticas assistencialistas visando minimizar um pouco da grande parcela carente e necessitada que tem o seu direito negligenciado pelas autoridades.

Com a instituição do sistema municipal de ensino em 1998, foi possível criar e estabelecer o Conselho Municipal de Educação. A partir daí, a regulamentação da educação infantil foi uma questão de tempo, ocorrendo dois anos após. Com o advento da regulamentação, tornou-se necessário a criação de uma estrutura que visasse a orientação e o real acompanhamento das instituições escolares. Com isso, a SMED (Secretaria Municipal de Educação) teve a necessidade de estabelecer

novos rumos e novas perspectivas na educação infantil que estaria entrando em vigor.

Nesse novo cenário, desde 2001, a SMED começou a assumir as suas reais atribuições anteriormente gerenciadas pela assistência social. Para tanto entende-se a criança como um ser social, de múltiplas linguagens, competente, reflexo e produtora de cultura. Segundo as DCNEI.

A criança, centro de planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentido sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p.03).

Diante dessas mudanças, a PBH instituiu o cargo de Educador Infantil, na perspectiva de aumentar a oferta de vagas para as crianças de 0 à 5 anos e 8 meses. E foi nesse novo contexto que nasceram as UMEI's com a especificidade de que agora as instituições públicas atendiam as crianças menores de 4 anos, o que não ocorria nos antigos Jardins da Infância. Nesses 10 anos, a partir da criação do novo cargo já referido acima, há na rede uma incessante luta pela conquista da igualdade de direitos entre os professores do mesmo sistema de ensino. Ressalta-se que antes da criação do programa primeira escola as creches que existiam eram organizadas pela comunidade como se vê na LDBEN – (art. 11 – V).

Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (Brasil, 1996, p.5).

E ainda, Seção II Da Educação Infantil:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (Brasil, 1996, p.15).

3. AS CRIANÇAS DA UMEI SÃO GABRIEL

A UMEI São Gabriel, foi inaugurada em 2004, ano de criação das Umeis em Belo Horizonte. Essas unidades de educação vieram com o intuito de atender a sua pertinência explícita na LDBEN como já fora citado acima. Essa instituição irá completar 11 anos em outubro e considerando-se que foi uma das primeiras a ser inaugurada muito já caminhou no decorrer desses anos, mas ainda há muito que se avançar nas discussões e procedimentos no cotidiano. Um exemplo disso, é o PPP da UMEI que encontra-se em construção.

As crianças atendidas na Umei São Gabriel residem no bairro São Gabriel e regiões adjacentes. As famílias atendidas pela escola apresentam uma pluralidade de crenças e etnias. De modo geral há uma diversidade de profissões com o predomínio de trabalhadores da economia informal: diaristas, artesãos, entregadores, cuja renda familiar fica em torno de 1 a 2 salários mínimos, alguns recebem auxílio de algum programa do governo. As crianças atendidas pela UMEI São Gabriel estão na faixa de 0 a 6 anos em turmas de horário integral e parcial. As turmas parciais e integrais são agrupadas de acordo com a resolução CMEBH nº 001-2000 e o recorte etário e quantidade de turmas atendidas em cada faixa etária depende da demanda da comunidade escolar (fluxo escolar).

A turma que apliquei o plano de ação é uma turma mista, com crianças de 3 a 4 anos e de 4 a 5 anos. São ao todo 20 crianças, sendo 9 meninos e 11 meninas. A turma recebeu o nome de Turma do Chico Bento em uma votação no início do ano.

É uma turma participativa, alegre, autônoma e questionadora. Gostam muito de brincar de faz de conta e aprender coisas novas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, concebe a criança,

Como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (...) possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que pensam o mundo de um jeito muito próprio.

As famílias das crianças, em sua grande maioria, são participativas e acompanham o desenvolvimento das crianças na escola. São famílias que comparecem às festividades da escola e participam dos projetos desenvolvidos.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. Fundamentação Teórica

A aprendizagem humana foi e ainda é objeto de estudo pelas diferentes áreas do conhecimento e por diferentes visões, ela está relacionada à história do homem, à sua construção e evolução enquanto ser social, é o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades e valores concedido através do estudo, instrução, exemplo, educação, experiência e pode ser considerado por variadas perspectivas e teorias.

As atividades e realizações humanas caracterizam a aprendizagem seja através dos costumes, das leis sociais, da linguagem, da religião e da interação com o outro, explicar a aprendizagem é desvendar a aptidão e competência do ser humano se desenvolver, estabelecer interação e formar a sua personalidade, ela não pode ser simplesmente a transmissão ou a reprodução de conhecimentos, conforme Rinaldi (1994, p.13):

(...) mas configura acima de tudo, como um processo de construção da razão, dos porquês, dos significados, dos sentidos das coisas, dos outros, da natureza, de realização, da realidade, da vida. É um processo de auto e socioconstrução, um ato de verdadeira e própria co-construção.

Hernández (2004, p. 50) expõe que a aprendizagem depende da habilidade e predisposição de aperfeiçoar e aprimorar seus conhecimentos:

Aprender está relacionado com a elaboração de uma conversação cultural, em que se trata, sobretudo, de aprender a dar sentido, conectando com as perguntas que deram origem aos problemas que abordamos e com as perguntas que os sujeitos fazem a si mesmos e o mundo, para poder, a posteriori, transferir esse sentido a outras situações.

Projeto é um conjunto de atividades realizadas por uma ou mais pessoas utilizando conhecimentos prévios ou específicos acerca do assunto pesquisado, a fim de obter um resultado ou sanar algum problema ou dúvida. Trata-se de uma proposta de intervenção pedagógica que visa soluções para as dúvidas do objeto de estudo, propõe investigação e aprendizado, propiciando a experiência cultural dos alunos, uma vez que permite situações de aprendizagem, pesquisa, investigação, desperta o senso crítico formando cidadãos autônomos e conscientes do que fazem.

De acordo com Hernández “os projetos de trabalho contribuem para uma ressignificação dos espaços de aprendizagem de tal forma que eles voltem para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes (HERNANDEZ, 1998, p. 63).

Barbosa e Horn (2008) vão nos falar um pouco sobre a origem da palavra “projeto”. Explicando-nos que a mesma não é puramente e exclusivamente do domínio educacional, mas que a encontramos em todas as áreas, em nosso cotidiano, quando realizamos projetos para realizar uma pequena viagem ou escolher uma profissão e até na antiguidade em que consideramos os rascunhos de Leonardo da Vinci como um projeto para realizar seus trabalhos, suas grandiosas obras.

Ressaltando um pouco mais a área educacional no final do século XIX e início do século XX, Barbosa e Horn destacam a importância do movimento educacional “Escola Nova” o qual teve grande importância aos novos sistemas educacionais que emergiam no mundo ocidental. Desde então a escola vem promovendo estratégias de trabalho que visam ao desenvolvimento e autonomia do aluno. Este movimento, valorizava os jogos e os exercícios físicos de forma geral, desde que servissem para o desenvolvimento da motricidade e da percepção. O seu desenvolvimento levava em consideração os estudos da psicologia da criança e buscava os métodos mais adequados para estimular o interesse delas, sem, no entanto, privá-las da espontaneidade.

De acordo com estas mudanças educacionais foram desenvolvidos métodos de projetos, centros de interesse, trabalho por temas, projetos de trabalho são denominações que se utilizam de maneira indistinta, mas que respondem a visões com importantes variações de contexto e de conteúdo. Veja a importância do método de projetos ao longo do tempo.

Nos anos 20, Fernando Sáinz promove em forma de perguntas um método de projetos que pretende que o aluno não sinta diferença entre a vida exterior e a vida escolar, por isso os projetos dever estar próximos à vida, demonstrar a herança cultural e social na qual está inserida e descrever as experiências e a vida cotidiana.

Nos anos 70, surge um novo fluxo de interesse por projetos com o nome de “trabalho por temas” a partir da percepção de que conceito ensinamos e com que critérios os selecionamos. Nesse conceito, Bruner (1960, 1965) estabeleceu que o ensino deveria centrar-se em facilitar o desenvolvimento de conceitos-chaves a

partir das estruturas das disciplinas. Os projetos ou o trabalho por temas constituíram uma alternativa para abordar essa proposta na sala de aula.

Nos anos 80, o impacto da denominada revolução cognitiva na forma de entender o ensino e a aprendizagem e as mudanças nas concepções sobre o conhecimento e o saber derivado das novas tecnologias vão estabelecer uma série de mudanças na educação escolar e os projetos continuam ser objeto de interesse.

Essas propostas surgiram como novos pensamentos e metodologias para renovar os métodos educacionais com o objetivo de abordar uma visão crítica da educação convencional. A ciência e a tecnologia foram responsáveis pelo questionamento do paradigma disciplinar para o interdisciplinar, já que essa visão favorece a mudança da aprendizagem individual e racional para uma perspectiva social e de múltiplas dimensões. Destaco a importância de se trabalhar com projeto, dado que ele confirma a história de um grupo social, histórico e apresenta o desenvolvimento individual e coletivo dos seres humanos, conforme o Dicionário Aurélio (1995), a palavra Projeto significa atirar longe, arremessar, planejar. Um projeto é um objetivo com perspectivas de concretização.

Especificamente o Projeto de Trabalho tem a finalidade de respeitar as necessidades, interesses e curiosidades de um grupo, a partir de temas e pesquisas que atraem o interesse das crianças e com isso motivem-nas participar dinamicamente das atividades. Não tem durabilidade estabelecida, podendo durar dias, semanas ou meses, dependendo das necessidades e envolvimento dos alunos.

Os Projetos de Trabalho representam, uma interpretação diferente do que seja conhecimento e currículo e representam uma outra maneira de organizar o trabalho na escola. Caracterizam-se pela forma de discutir um determinado assunto ou conhecimento, permitindo aproximação do professor com a identidade e as experiências dos alunos, ou seja, o conhecimento é construído pouco a pouco com o aluno e não facultado pelo professor.

Hernández e Ventura (1998) falam sobre o que é reorganizar o currículo por projetos. O professor deve deixar o papel de “transmissor de conteúdos” para se transformar em um pesquisador e o aluno por sua vez passa a ser o sujeito do processo ensino aprendizagem. *Todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto (1998, p.24).*

Os autores ressaltam que no projeto de trabalho os alunos participam do processo de criação, desde a curiosidade despertada pelo assunto tratado até a busca de respostas e soluções. Nesse processo a etapa mais importante é o levantamento de dúvidas, os objetivos da aprendizagem, pois na organização do currículo por projetos de trabalho, devemos definir primeiramente o conceito, os problemas, para só depois escolher conteúdos mais adequados para se trabalhar e encontrar soluções.

No desenvolver das propostas do projeto de trabalho, as crianças vivenciam o conhecimento não como algo pronto e acabado, mas com autonomia e independência. Ele permite que o aluno desenvolva atitudes ativas e reflexivas diante de suas aprendizagens e do conhecimento, na medida em que percebe o sentido e o significado do conhecimento construído.

A partir do grau de conhecimento dos alunos (bagagem ou conhecimento prévio), durante o projeto de trabalho surgem novas curiosidades, maneiras e possibilidades para realizar a investigação de outros conteúdos para complementar o projeto. É por isso que essa pedagogia se torna essencial na prática da interdisciplinaridade, motivo pelo qual o professor não somente transmissor do conhecimento, mas sim participante desta construção.

Em função dessa possibilidade de trabalhar múltiplos conhecimentos, os projetos apresentam-se como uma ferramenta para trabalhar as variadas linguagens na educação infantil. Dessa forma, é possível articular os projetos com o trabalho de alfabetização e letramento na educação infantil, como mostro a seguir. De acordo com o RCNEI (Brasil, 1998, p.5):

Os projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos específicos construídos a partir de um dos eixos de trabalho que se organizam ao redor de um problema para resolver ou um produto final que se quer obter. Possui uma duração que pode variar conforme o objetivo, o desenrolar das várias etapas, o desejo e o interesse das crianças pelo assunto tratado.

Por esse motivo, os projetos de trabalho convidam a repensar a natureza escolar e do trabalho escolar, pois requerem uma organização e maior compreensão das matérias e dos temas que os alunos trabalham e desenvolve a tomada de decisões, a criatividade, a pesquisa e o interesse pelo tema trabalhado.

Assim os projetos de trabalho não são considerados como método, ele não é uma fórmula e não possui regras. Ele desenvolve o pensamento, estimula a pesquisa e tem como finalidade conhecer a realidade, interpretar e resolver problema. Podemos dizer que os projetos de trabalho fazem parte da pesquisa, da realidade e do trabalho ativo por parte do aluno. Como diz o RCNEI (Brasil, 1998, p.11):

Um dos ganhos de se trabalhar com projetos é possibilitar às crianças que a partir de um assunto relacionado com um dos eixos de trabalho, possam estabelecer múltiplas relações, ampliando suas ideias sobre um assunto específico, buscando complementações com conhecimentos pertinentes aos diferentes eixos. Esse aprendizado serve de referência para outras situações, permitindo generalizações de ordens diversas.

São características do Projeto de Trabalho: parte-se de um tema ou de um problema negociado com os alunos; inicia-se um processo de pesquisa; procura-se fontes de informações; pesquisa-se dúvidas e questionamentos; cria-se relações com outros problemas, avalia-se o que se aprendeu, desenvolve a autonomia e criticidade. Isso deve vir antes. Arrume isso para não ficar com idas e vindas. Agrupar informações no mesmo lugar para não dar sensação de repetição.

4.2. Alfabetização e letramento na Educação Infantil

O letramento é um conceito utilizado dentro da escola que aborda a ideia de que a criança deve conseguir fazer o uso social da leitura e da escrita de maneira eficaz, mais especificamente pode ser citado por Magda Soares (2003, p.18).

Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Grande parte dos professores ainda sentem certa insegurança em alfabetizar letrando, por não terem sido capacitados nessa perspectiva. Os mesmos sabem da importância do letramento, quanto ao seu uso social, é importante entender que a alfabetização e letramento são processos que caminham juntos, porém com significados diferentes. A alfabetização significa a aquisição da técnica de leitura e escrita, ou seja, almeja-se que os alunos aprendam ler e escrever. Enquanto o

letramento é o estado em que vive o indivíduo que não sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita na sociedade em que vive.

Alfabetizar letrando é muito importante porque significa orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita, substituindo as tradicionais e superficiais cartilhas pelo uso dos gêneros textuais que nos permeiam: revistas, jornais, histórias em quadrinhos, charges, cartuns, receitas, folhetos, propagandas, enfim pelo material de leitura que circula a escola e a sociedade criando situações que tornem necessárias e significativas as práticas de leitura e produção de texto.

É importante observar qual a prática de letramento utilizada pelos professores, como é o processo de alfabetização, através de quais atividades, que material é usado, como o processo é desenvolvido, quais as dificuldades apresentadas pelos alunos, se são usados gêneros textuais que nos circulam neste processo, o projeto de trabalho é um fator importante e necessário para o processo de alfabetização, já que ele parte de experiências vividas dos alunos ou das curiosidades dos alunos. O projeto de trabalho pode ser considerado um exemplo de letramento.

De acordo com o contexto histórico do surgimento e consolidação dos processos de alfabetização e letramento há uma relação existente entre a aprendizagem e o desenvolvimento com a influência na formação do pensamento, tomando a linguagem como fator de análise para desencadear experiências de aprendizagem nas quais seja possível resignificar a apropriação do código de escrita. O processo de ensino-aprendizagem é bastante complexo e para melhor compreendê-lo devem-se conhecer as etapas do desenvolvimento humano, as influências e contribuições importantes nesse processo.

“É preciso entender que ler é uma forma a mais de comunicação, como falar e ouvir. Deve ser integrada à sala de aula como outro aspecto da vida e não à margem dela. Por isso é preciso oferecer experiências estimulantes em um ambiente afetivamente positivo que favoreçam a participação, surgiram hipóteses e interpretações e motivem o desejo de tirar consequências do que se leu. (ARRIBAS, 2004, p.196).

A Alfabetização é um processo complexo ligado à construção do conhecimento. Na atualidade, este conceito foi ampliado a outras áreas do

conhecimento além da sua origem que era constituir a aquisição da leitura e da escrita formal.

Alfabetizar é um conceito amplo, portanto, torna-se fundamental compreender as várias concepções que o envolvem. Diversos teóricos analisaram este processo e são indispensáveis suas abordagens como a do neuropsicólogo Luria sobre mediação cultural, do desenvolvimento, o pensamento e linguagem de Vygotsky, das teorias da evolução da escrita de Ferreiro, estas embasadas na Epistemologia Genética de Piaget, e de Freire sobre a educação cidadã e popular. Referência.

A princípio, o ato de alfabetizar era considerado como um processo de decodificação, ou seja, que através de mecanismos repetitivos o aluno iria memorizar os códigos, ou letras para concomitantemente ler e escrever.

Esta concepção foi colocada em crise a partir das diversas pesquisas e investigações que vêm ocorrendo na área da linguagem e no entendimento de como construímos o conhecimento.

Hoje, a alfabetização não é vista como algo desconexo do mundo, ela envolve um processo de construção de conhecimentos e carrega a pretensão de mostrar aos alunos o discernimento deste processo para serem sujeitos ativos, que possuam a competência de transformar a sociedade, para que seja mais justa e melhor para se viver. Segundo Ferreiro e Teberosky,

A posição que sustentamos reiteradamente é que o marco da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da lecto-escrita. Dizemos apropriação do conhecimento, e não aprendizagem de uma técnica. Contudo o que essa apropriação significa aqui como em qualquer outro domínio da atividade cognitiva: um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente. (1985, p. 275).

Cada aluno desenvolve diferentes interações com a escrita e, dependendo do contexto social, a criança elabora possibilidades que juntamente com as experiências vividas, melhoram e significam o processo. Por isso a importância de que as crianças entrem em contato com o uso social da leitura e da escrita cada vez mais cedo, reconhecendo a função social da linguagem.

Para Vygotski (*apud* Monteiro, 1998, p.3) a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento e só acontece quando o sujeito está envolvido num grupo ou meio

cultural. A partir das experiências vivenciadas por cada indivíduo, o significado de uma palavra pode carregar sentidos diferentes a partir de uma situação que ela vivencia, a experiência individual é mais complexa do que a generalização que se apresenta nos signos.

Piaget (apud Penna, 1976, p. 45) desenvolveu o método clínico que tinha a criança como centro de suas investigações, chegando à conclusão que a inteligência é construída por ela na relação com o objeto, superando as concepções clássicas. Esta investigação possui uma visão da inteligência ou da cognição humana como uma adaptação biológica específica de um organismo complexo a um envolvimento igualmente complexo, um sistema cognitivo extremamente ativo, que seleciona e interpreta a informação do envolvimento à medida que constrói o seu conhecimento.

Neste processo de alfabetização, o sujeito-alfabetizando precisa ser permeado por situações de conflitos singulares que para uns poderá ser essencial, enquanto outros o consideram desnecessário, pois não há uma linearidade e uma uniformidade nas vivências e na identidade de cada sujeito.

Segundo o que consta no RCNEI (BRASIL, 1998, p.17): A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

5. PLANO DE AÇÃO

A primeira ação desenvolvida surgiu do próprio interesse das crianças, uma vez que Miguel trouxe de presente para mim um girassol e com isso muitas perguntas surgiram. A partir de uma roda de conversa, elas levantaram questionamentos como: "Por que se chama girassol?" "o girassol vai crescer e ficar grandão igual ao que tem no sítio do meu tio?" "o girassol não cresce mais que isso não é professora? (Referindo-se ao tamanho que o girassol estava no vaso de planta)". Foi a partir desses questionamentos que percebi que estava diante de mim um projeto a ser desenvolvido junto à turma do Chico Bento.

Foram realizadas as seguintes atividades: Em um cartaz escrevemos "o que sabemos sobre o girassol", "o que queremos saber" e "O que descobrimos/aprendemos" Surgiu assim nosso projeto "o Girassol". Sugeri em uma roda de conversa que fizessem uma pesquisa sobre a planta junto à família.

Teberosky e Colomer (2003) também afirmam que "[...] crianças desta faixa etária tem conhecimentos se manifestam "no tipo de linguagem que selecionam para reproduzir a linguagem escrita e nos meios de apresentação gráfica que utilizam para localizar textos na página".

Brandão e Guimarães (1997) demonstram que as práticas pedagógicas que procuram inserir crianças em situações de produção em que a leitura e a escrita sejam apresentadas em um contexto permeado por interações sociais parecem propiciar "a formação de leitores e escritores que mais cedo se tornam capazes de buscar significados no que leem e produzir significados no que escrevem".

Uma vez definido o projeto pelas crianças, nosso sujeito do ensino-aprendizagem, defini os objetivos a serem alcançados pela turma. Apenas para que eu tivesse em mente como orientá-los das várias vertentes possíveis que poderiam surgir. São eles:

- Pesquisar sobre o girassol: sua história, importância e utilidade.
- Conhecer a forma de nascimento do girassol.

- Conhecer sobre os modos de preparo da terra para o plantio.
- Realizar escritas espontâneas.
- Observar os processos de crescimento do girassol e comparar o tamanho da planta com seu próprio tamanho.
- Fazer relação numeral/quantidade.
- Conhecer, ler e interpretar os gêneros textuais: poesia e livro.
- produzir um livro sobre girassol a partir de uma história coletiva.
- Reconhecer a importância do profissional Jardineiro.

Na preparação do professor no surgimento de um projeto segundo Dias e Faria (1995/96)

Na semana seguinte, todos com a pesquisa nas mãos, fizemos uma roda de conversa sobre o que descobrimos do girassol. Foi uma roda bem animada, pois todos queriam falar ao mesmo tempo. Foi preciso lembrar as regras da turma para que começássemos o assunto. Descobrimos então o que é um girassol, o porquê dele ter esse nome, para que serve, do que ele precisa para crescer e como o girassol ajuda os animais alimentando-os. Aproveitamos para fazer uma lista no caderno de atividades sobre o que descobrimos do girassol. Assim, a roda de conversa possibilita a construção e a constituição de um grupo, de um pensamento, de um objetivo fazendo parte das práticas educativas.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. [...] O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. [...] Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIM, 1994, p. 198)

Descobrimos dentre outras coisas que girassol é uma planta de fácil plantio e demora apenas 50 dias para florescer. Propus à turma plantar um girassol. Escrevemos em um cartaz o que precisamos para plantar a semente de girassol. A lista foi feita com a ajuda das crianças que iam falando a letra inicial e como acreditavam quais letras representavam a escrita das palavras. As hipóteses eram confrontadas entre as próprias crianças. Eu intermediava a construção dessa escrita ajudando-os a lembrar e correlacionar com outra palavra. Ex: sol começa com (fazia o som da letra inicial S) para ajuda-los a lembrar.



FIGURA 1: Mural externo

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

Como não podia deixar de ser, o para casa das crianças sempre acompanhavam os projetos da turma e em um deles pedi que junto com a família fizessem um lindo girassol. Furneci diversos materiais que eles poderiam escolher no fim de semana para produzir um girassol com seus filhos (papel crepom, prato de papel) e pedi que utilizassem a imaginação. Na segunda todos apresentaram o que fizeram aos seus colegas e colocamos no mural externo para que todos que passassem por lá pudessem apreciar também. Foi também uma estratégia para ter a participação da família no nosso projeto. É fundamental que a família participe do desenvolvimento da criança propiciando seu bem-estar, visto que ela desempenha um importante papel na educação e formação da criança, transmitindo os valores morais, culturais, sociais, incentivando o hábito de estudo das crianças em casa, para que possam na escola desenvolver o trabalho com mais facilidade, adquirir desde o início da aprendizagem o gosto pela leitura e pela escrita. Como retratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a escola:

...precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos

socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional (Brasil, 1998, p. 46).

Para que a educação se efetive com qualidade, a família deve estar presente e participar ativamente em conjunto com a instituição educacional, para melhor desenvolvimento da criança e criatividade. Isto é tão importante, pois contribui para um adulto autônomo, emancipado e próspero. Nesta perspectiva concorda-se com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) que afirmam que:

[...] A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais (Brasil, 1998 p.44).

O que nos leva a entender que a participação da família é imprescindível na educação infantil e nos demais segmentos escolares.

...uma família é [...] estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É também uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contado direto, laços emocionais e uma história compartilhada (ÁVILA e SILVA, 2001, p. 101).

Então é preciso reconhecer que a família independente do seu modo de agir e pensar, é responsável pela segurança e afetividade na primeira educação da criança. Portanto a escola vem complementar, contribuir e ampliar o desenvolvimento educacional da criança. As crianças fizeram com o pessoal de casa e depois na roda de conversa mostraram o que fizeram e como foi feito e por fim colocamos no mural de fora da sala para que todos da UMEI pudessem ver.

Depois que plantamos as sementes de girassóis escolhemos um cantinho para deixá-las e poder cuidar com muito carinho como escrito no cartaz e lido pelas crianças.

Para aguçar a curiosidades dos alunos e desenvolver a temática lemos o livro: de Semente a Girassol - coleção Ciclos de vida - autora Camilla de la Bédoyère - editora Zastras.

Esse livro fala sobre o ciclo de vida do girassol. Nele é possível fazer pesquisas como: o que é um girassol, seu ciclo de vida, saber como é a semente por dentro e instigar a curiosidade das crianças pelas diversas sementes da flor e

comparar com outras sementes, como surgem novas sementes, a importância das abelhas e das borboletas para o girassol e como as sementes se espalham. O livro foi lido aos poucos e à medida que estudávamos sobre o girassol seguindo suas etapas. Uma vez que a linguagem é um fenômeno social, estruturado e vive em constante mudança, a escrita também deve ser vista atividade cultural e social. Esse processo de inclusão numa cultura escrita, nomeamos utilizando a palavra letramento.

A alfabetização é o canal, a ligação para o letramento. Letrar significa inserir a criança no mundo letrado, trabalhando com os diferentes usos de escrita na sociedade. Essa inserção começa em casa, no seu convívio social, muito antes da alfabetização propriamente dita, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social: os pais leem para ela, quando assiste televisão e percebe nas propagandas os logotipos das marcas, nos supermercados os rótulos dos produtos. É importante que o educador faça o uso da leitura e da escrita, utilizando diversos tipos textuais, que contenham diferentes gêneros textuais, como histórias em quadrinhos, leitura de anúncios, revistas, jornais, folder de supermercados, produção de pequenos textos, cartas, para que assim a criança possa interagir com o mundo letrado.

... Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (Freire, 1979, p.14.).

É importante que as crianças se comuniquem com os adultos alfabetizados, mesmo antes de estarem alfabetizados convencionalmente. Crianças cujos pais leem regularmente e exploram com elas os textos narrativos, não só aprendem a ler com mais facilidade, como tornam-se bons leitores escritores no universo escolar. Além da família, o educador também é importante para criar um ambiente letrado,

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive

com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (SOARES, 1999, p. 69).

Pela leitura do livro foi possível desenvolver uma prática de letramento O RCNEI (1998) acentua sobre a importância de desenvolver atividades lúdicas na Educação Infantil, porque assim a criança completa ou amplia conhecimentos que está estruturando em seu desenvolvimento, por meio da brincadeira que é tão importante para o pequeno, que se torna um excelente aliado da aprendizagem quando se fala em criança. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p.23): Educar significa portanto, proporcionar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros, em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Já na segunda etapa de desenvolvimento do projeto perguntei se queriam plantar um girassol. Depois de um consenso sobre o que precisamos para plantar o girassol colocamos a mão na massa. Um momento de puro prazer e conhecimento prático. As crianças gostaram muito da textura da terra, do cheiro e da própria ação do plantar.



FIGURA 2: Momento do plantio da semente de girassol

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 3: Momento do plantio

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

O plantio foi feito em uma garrafa pet com furos no fundo cada criança plantou 3 sementes de girassóis. Fizemos a contagem oral dessas sementes e o registro em folha através de desenhos e escritas espontâneas. Afixamos um cartaz no nosso mural externo mostrando a todos uma lista do que precisamos para plantar o girassol. Cada criança, depois de falar a resposta, copiava do seu jeito a palavra da lista. Foi perguntado por um aluno o porquê dos furos na garrafa e mais uma vez não dei a resposta. Assim como diz Hernandez (1998, p.50) *a criança estabelece relações com muitos aspectos de seus conhecimentos anteriores, enquanto que, ao mesmo tempo, vai integrando novos conhecimentos significativos.*

Propus que experimentássemos plantar em uma garrafa sem furo para ver o que aconteceria. E assim o fizemos. Em poucos dias já tínhamos a resposta. A garrafa pet em que se encontrava as sementes ficou encharcada e a semente não brotou. Começaram a nascer fungos também. As crianças chegaram à conclusão de que os furos na garrafa pet para o plantio eram necessários para saída da água. As plantas foram acompanhadas de perto. Todos os dias molhávamos as plantas e registrávamos as mudanças através de desenhos e escritas espontâneas. A escrita assim, fazia sentido para a criança. Segundo Coelho (2004 p.88) *Ensinar a*

linguagem escrita significa compreender esse sistema de representação nos seus usos, nas suas modalidades e necessidades, garantindo cada vez mais a ampliação da possibilidade expressiva. Assim temos um propósito comunicativo da escrita em relação à criança de forma significativa e funcional em diversas situações.

Na aula de artes fizemos um lindo girassol com tinta guache, retalhos de EVA, fundo de garrafa pet e sementes de girassóis. Colamos no quadro para mais uma vez enfeitar nossa sala. A escrita da palavra Girassol foi feita por eles. Copiaram do quadro, em um processo de cópia contextualizada. Tinha a finalidade de informar qual arte foi feita por eles. A importância da contextualização na escola é vincular o conhecimento à sua origem e à sua aplicação. A ideia de contextualização entrou em pauta com a reforma do ensino médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), que acredita na compreensão dos conhecimentos para uso cotidiano. Efetivamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), orientam a escola e os professores na aplicação do novo modelo que estão estruturados sobre dois eixos principais: a interdisciplinaridade e a contextualização.

A LDB 9.394/96, no artigo 28º, indica como isso pode ser feito, por expor que “os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente”. Isso significa que o ensino deve levar em conta o cotidiano, o conhecimento prévio do aluno, assim como suas experiências vividas. O conceito de contextualização requer a mediação da criança em todo o processo de aprendizagem, fazendo as junções entre os conhecimentos. O aluno será mais do que um espectador, ele é o protagonista em busca do saber.

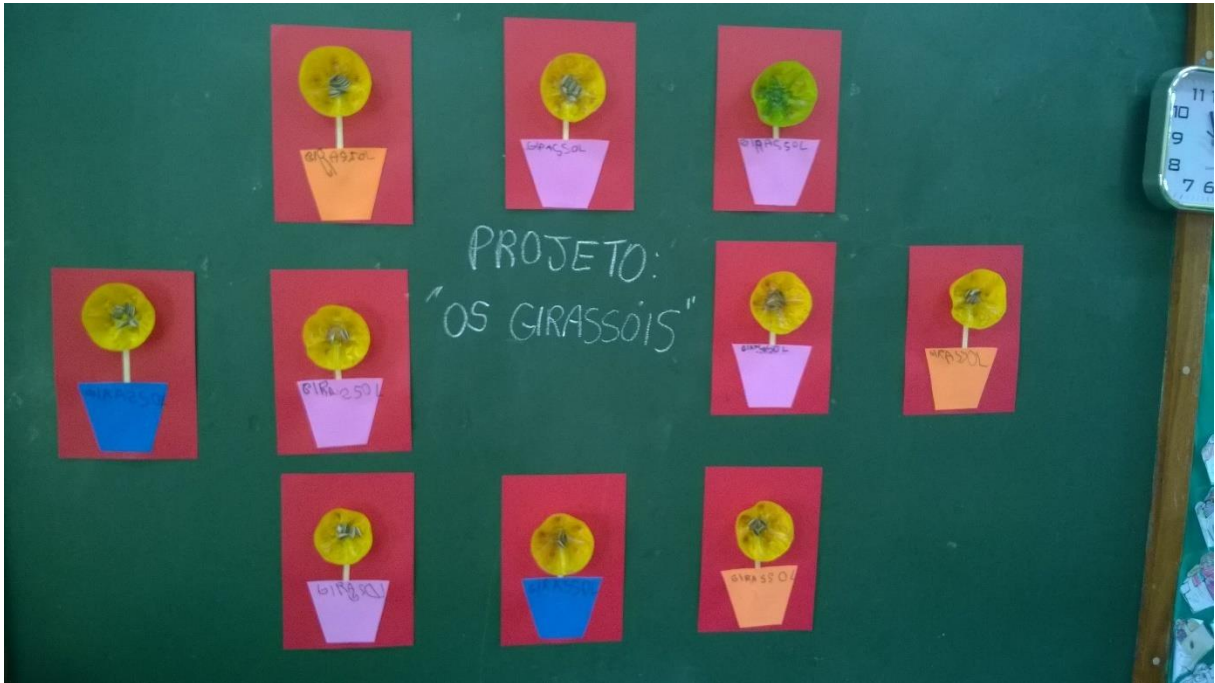


FIGURA 4: Trabalho de artes

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

No mês de setembro de 2014 estava muito quente e as plantas que já tinham crescido bastante não resistiram a um longo fim de semana sem água, em uma temperatura de quase 40 graus, e morreram.



FIGURA 5: As crianças recebendo girassol e sementes para novo plantio.

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 6: As crianças recebendo girassol e sementes para novo plantio.

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

Aproveitamos para falar da importância da água para as plantas e para todos os seres vivos. Em uma roda de conversa chegamos à conclusão de que deveríamos plantar em casa e assim termos condições de observar e cuidar da planta mais de perto. Todos receberam sementes de girassóis para o plantio em casa. Por sorte, havíamos plantado as sementes também na horta da escola e as mesmas não morreram e cresceram muito. Tiramos fotos das crianças com a planta menor que elas, do mesmo tamanho e maior que elas. Aprendemos pela fotografia e comparação as noções básicas de grandeza (maior, menor e igual) e registramos através de desenhos.



FIGURA 7: As crianças observando que o girassol está menor que elas.

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 8: As crianças observando que o girassol está do mesmo tamanho que elas.

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 9: As crianças observando que o girassol está maior que elas.

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

As aulas de artes eram algo que chamava muita atenção das crianças e resolvemos, a professora de apoio Solange e eu, trazer um quadro com a foto dos girassóis de Van Gogh. Segundo Hernández (2000. p. 128) "a cultura aparece como um sistema organizado de significados e símbolos que guiam o comportamento humano, permitindo-nos definir o mundo, expressar nossos sentimentos e formular juízos". A ideia de pintar uma tela surgiu a partir do interesse das crianças pela pintura. Elas gostavam muito das atividades de pintura com guache, cola colorida, nanquim, etc. Solange levou para sala os livros: Van Gogh e o passarinho Téo de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte –Ed. do Brasil e Mestre das Artes - Vicente Van Gogh - editora Moderna. As crianças gostaram muito das imagens dos livros e também das telas antigas expostas na escola que eram a releitura da obra girassóis retratada por crianças que já haviam saído da escola.

Trabalhar com Projeto possibilita o trabalho em equipe, pois este promove a interação, troca de saberes, a oportunidade de socialização, momento de paciência, tomada de decisão, compartilhamento de ideias, informações, dúvidas e esclarecimento de curiosidades acerca do tema estudado. Os indivíduos, com seus atos e ações, modificam o ambiente em que vivem e isso se dá a partir da interação e convivência com outras pessoas, por meio da capacidade que os mesmos

adquirem no que diz respeito a observar, manipular objetos, refletir sobre suas ações, entre outras. O desenvolvimento do ser humano ocorre a partir do contato com outras pessoas e com o meio em que vive.

Segundo as DCNEI, 1998, o desenvolvimento de tais habilidades visa ampliar o conhecimento a respeito do mundo, natureza e cultura, criam condições favoráveis de construção do autoconceito e identidade, valorizando a diversidade estética e cultural brasileira, realização de brincadeiras correspondentes as faixas etárias, valorizam as atitudes de cooperação, respeito à diversidade, orientando a discriminação de gênero, etnia, religião e crianças com necessidades especiais.

Partimos para conhecer um pouco mais sobre o pintor holandês Van Gogh, conhecemos um pouquinho de sua biografia e suas obras através do livro, Van Gogh - Obra completa de pintura - Ed.Taschen e do vídeo no you tube². Descobrimos que ao todo Van Gogh pintou 7 telas de girassóis, e cada criança começou a fazer o esboço do que seria sua pintura, inicialmente desenhando a lápis no papel. Fizeram vários esboços no papel e depois traçaram o desenho na tela e finalmente fizeram a pintura. A professora Solange concluiu essa etapa com eles. Cada criança teve autonomia de escolher a cor e pintar como desejasse e os quadros ficaram lindos.



FIGURA 10: Releituras do quadro de Van Gogh

Fonte: arquivo pessoal de Amanda Araci

² <https://www.youtube.com/watch?v=S0nJcnvbsug>



FIGURA 11: Releituras do quadro de Van Gogh
Fonte: arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 12: Releituras do quadro de Van Gogh
Fonte: arquivo pessoal de Amanda Araci

Durante todo trabalho a escrita do nome permeava as atividades propostas e assim, paralelamente desenvolvi um trabalho com nomes. Aprender o nome é muito importante para a formação da identidade da criança e também desperta o interesse da criança pela linguagem escrita. É o primeiro texto significativo na vida da criança e costuma apresentar muito interesse acerca do nome, a forma de registro. Trabalhamos assim, todos os dias com chamadas através de fichas, reconhecimento do nome através dos objetos pessoais devidamente identificados. Além disso, na definição do ajudante do dia também havia possibilidade de trabalhar o nome. Nesse momento, as criança diziam em qual dia estávamos e através de um sorteio identificávamos quem era o ajudante daquele dia. O mesmo escrevia seu nome na data correspondente. As crianças tinham por hábito ler os nomes dos ajudantes anteriores e saber quem ainda faltava ser o ajudante. Também havia atividades de brincar de escrever o nome do colega com massinha, lápis ou palitos. Também tínhamos um joguinho confeccionado com caixinha de fósforo e uma foto deles. Dentro letras recortadas para montarem o nome da foto que estava colada na caixinha.

À medida que ficava fácil escrever o próprio nome lançava novos desafios e tinham agora que escrever o nome do colega da maneira que achavam que eram. Foi também a partir do nome, das brincadeiras do com que letra começa e o que mais começa com aquele som que uma criança da minha sala aprendeu a escrever. Em uma escrita espontânea Igor escreveu tudo corretamente. Devo ressaltar que a metade das palavras pedidas para escrever de forma espontânea foram muito bem trabalhadas em sala de aula. Também, da mesma forma que o nome, com caixinhas de fósforo, no lugar da foto da criança o desenho do objeto e as letras recortadas para montar dentro da caixa. O nome próprio é uma palavra que apresenta um grande significado para todos. É sinal de identidade e reconhecimento, por isso é deve ser ensinado de forma lúdica e prazerosa, considerando o grau de letramento da criança. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.215) “o nome próprio como a primeira forma escrita dotada de estabilidade, como protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma atenção muito especial na psicogênese.”

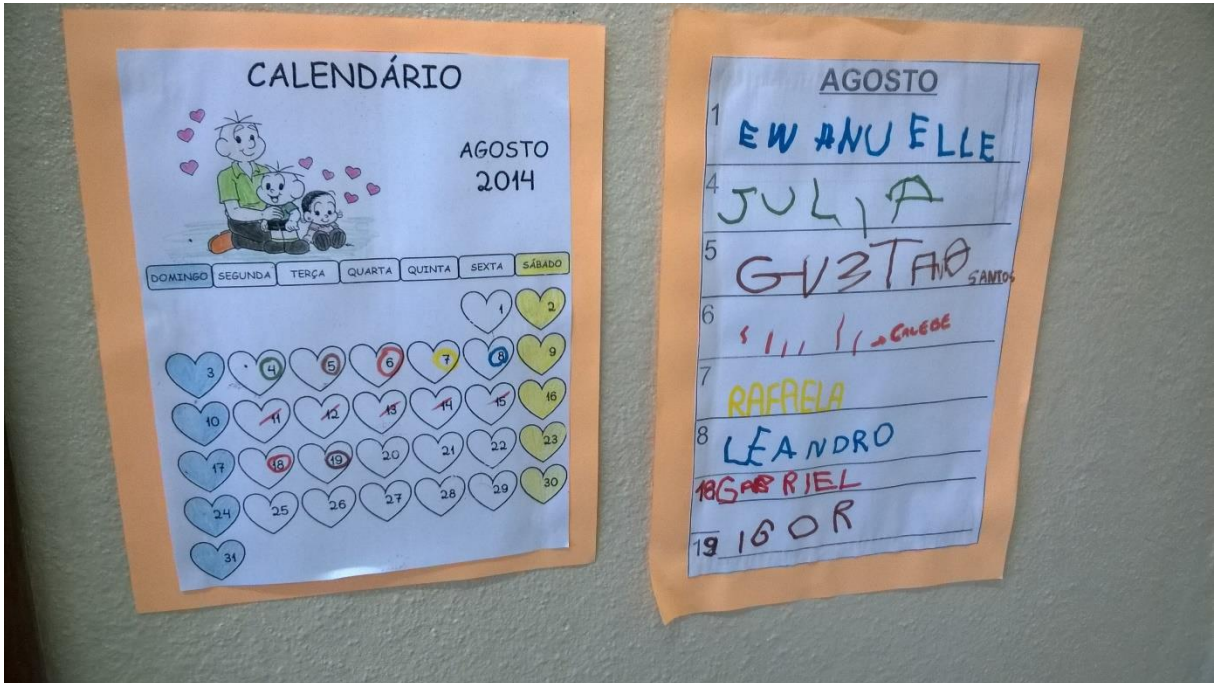


FIGURA 13: Quadro do ajudante do dia.
Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci



FIGURA 14: Aluno escrevendo nome com massa de modelar
Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

Como todos os dias é dia de leitura na nossa sala. Propus às crianças que produzíssemos um livro coletivo. Expliquei que cada criança diria algo que gostaria

de ter no livro continuando a história contada pelo colega anterior. Em uma roda distribui vários livros e pedi que observassem a estrutura dos livros.



FIGURA 15: Crianças observando as estruturas dos livros

Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

Direcionei com perguntas do tipo: O que é essa folha (referindo-me à capa do livro), O que encontramos na capa? O que vem depois da capa?, etc. E assim partimos para o "nosso livro". O que vem primeiro no livro? Então vamos escolher um título para nosso livro? Quem é o autor do livro? Então vamos escrever o nome de todos no nosso livro. Quantos são os autores? E assim surgiu o livro da turma:

"O Girassol e o monstro

Era uma vez uma sementinha preta e branca.

E assim ela cresceu, cresceu, cresceu na terra e ficou bem grande.

O girassol chamava Amarelinho.

O Amarelinho gostava muito de água, porque deixava ele grande e forte.

Um dia apareceu um monstro barrigudo que gostava de comer girassol.

O amarelinho ficou com muito medo e chamou o homem gigante para salvá-lo.

Me ajuda! Me ajuda!

O homem pegou uma corda e amarrou o monstro numa árvore. O monstro ficou muito triste e pediu desculpas.

O gigante desamarrou o monstro e o monstro deu um abraço no girassol e os três ficaram amigos.

E o monstro foi embora para casa da mãe dele que preparou uma comida bem gostosa para o monstro.

O monstro visitava o Amarelinho para brincar de pula-pula e de correr com ele.

O Girassol ficou feliz para sempre!"

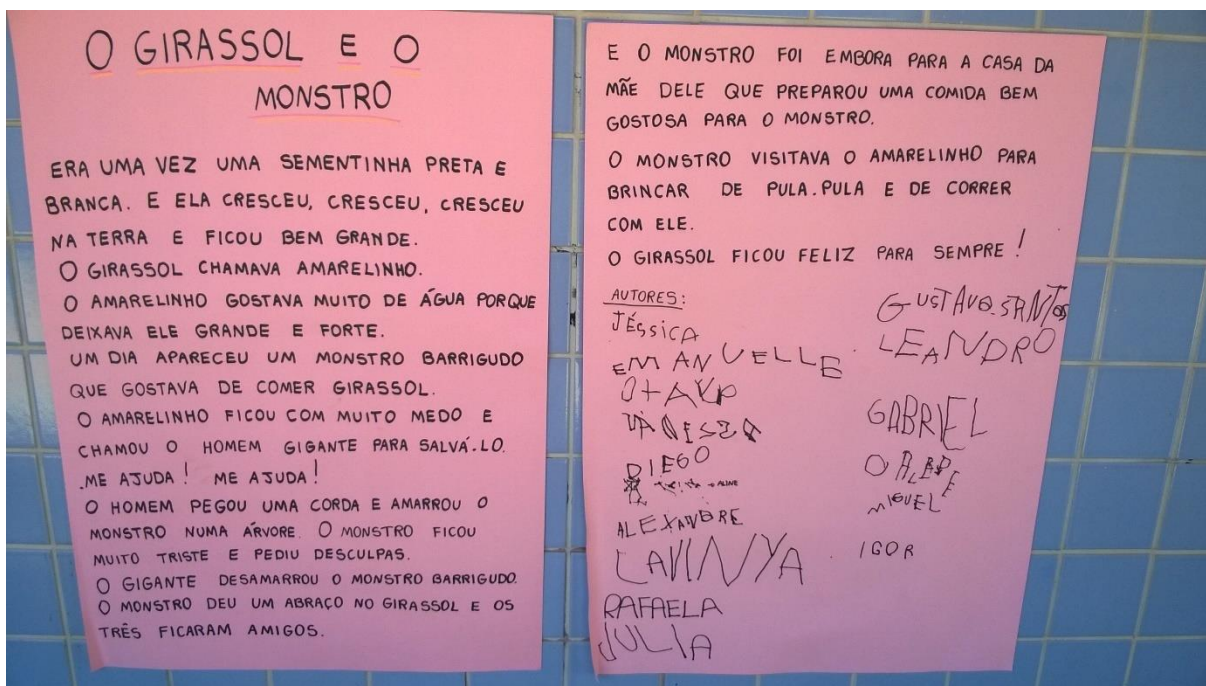


FIGURA 16: cartaz com a história coletiva
 Fonte: Arquivo pessoal de Amanda Araci

Na produção dessa história foram necessárias muitas intervenções para que a história fizesse o mínimo de sentido. Sempre que ficavam na dúvida eu relia o que os colegas tinham dito e perguntava o que eles achavam que tinham acontecido depois. Quando apareceu o gigante na história apareceram também muitas maneiras de "matar" o monstro. Enforcamento, facadas, tiros e pancadas. Com jeitinho fui perguntando se podemos fazer isso com alguém, o que eles achavam disso e por fim decidiram amarrar o monstro. Aderiram traços do comportamento que utilizam na sala que é pedir desculpas e ficar amigo.

Após a escrita coletiva da história fizemos o registro em um caderninho colorido e pequeno, o qual se transformou em livro individual. Cada um fez a ilustração do seu livro e faziam conto e reconto da história. Todos assinaram na página de autores, por se tratar de uma história coletiva e na parte de ilustrações cada um escreveu seu nome.

Uma vez no parquinho vi as crianças representando a história como teatro. Tive então a ideia de fazer um vídeo deles, um pouco mais elaborado. Com a ajuda da professora Sabrina da turma de dois anos que também está fazendo Laseb na turma de Cinema produzimos um pequeno vídeo deles. Primeiro treinamos em sala dividindo os papéis. A maioria das crianças queriam ser o girassol. Assim, toda vez

que repetíamos a cena mudávamos os personagens dando a todos a oportunidade de ser o girassol. Escolhemos uma música de entrada; Girassol (XSPB12). O vídeo contou com a participação de alguns funcionários da escola para o “chamado”, início do vídeo, as crianças da sala 2, turminha de dois anos das professoras Sabrina e Carmen em que as crianças dançaram a música da Xuxa (O girassol) e também com a nossa turminha que desempenhou muito bem o teatrinho da história que eles mesmos inventaram em uma atividade de história coletiva.

O vídeo foi apresentado na culminância do projeto. Na culminância do projeto “Os girassóis” as crianças escreveram um convite para a família convidando-os a visitar nossa sala. Construímos sobre como escrever um bilhete. Depois cada criança fez um desenho para enfeitar o bilhete e sem que eu sugerisse a maioria das crianças desenharam um girassol. Acreditam que escolheram esse desenho por conta do nome do projeto em desenvolvimento. Eles levaram os bilhetes para casa e no dia marcado todos foram ver o que as crianças produziram. O vídeo foi passado nesse dia e todos aprovaram a apresentação de seus filhos. Disse aos pais que, caso quisessem falar alguma coisa, poderiam pronunciar-se e a avó da Jéssica disse que ela nunca apresentava nada na escolinha e que tinha gostado de ver a gravação. Achava que ela tinha se soltado mais da maneira que escolhemos para que vissem a apresentação deles. Se tivesse sido uma apresentação de teatrinho normal ela ficaria travada ao ver muitas pessoas olhando para ela. Outros disseram que gostaram muito de tudo. Ninguém disse algo de negativo dando pra mim uma felicidade e uma satisfação de dever cumprido.

6. CONCLUSÃO

A criação de um ambiente favorável para o trabalho em grupo enriquece as múltiplas formas de comunicação entre as crianças e todos os envolvidos. E o projeto de trabalho é uma forma muito rica de se trabalhar em grupo. Há uma necessidade de organização do professor de forma mais sistemática e levando-se em consideração a heterogeneidade dos conhecimentos das crianças. O conhecimento não é construído da mesma forma para um e para outro. Assim, nas atividades de escrita, mesmo a criança não sabendo escrever de forma convencional, ao receber o convite para tal produção, seja um convite para a família visitar a exposição dos trabalhos que fizeram ou uma lista do que utilizamos para plantar, a criança estará diante de uma situação problema no qual é possível observar seu desenvolvimento da aprendizagem. Os alunos mostraram grande interesse construindo, quase sempre, significados relevantes para novas aprendizagens. Como por exemplo relacionar a sílaba “GI” da palavra GIRASSOL com a sílaba inicial da palavra GIRAFÁ. O conhecimento do funcionamento do sistema da escrita precisa ser construído pelas crianças e intermediada pelo professor fazendo-as avançar nos seus conhecimentos. Devemos assim, reconhecer também a capacidade das crianças para escrever e dar significados a essas letras ou sílabas iniciais das palavras uma vez que há intenção comunicativa. Segundo Hernandez (2000, p.178) *a função da aprendizagem está vinculada ao desenvolvimento da compreensão que se constrói como a extensão das possibilidades dos estudantes diante das questões relevantes para sua vida.*

As várias formas permitidas pelo trabalho de projeto para se buscar a resposta do tema escolhido como ir à biblioteca, convidar um adulto a falar sobre determinado assunto, entre outras ações faz com que a criança crie estratégias para buscar respostas às questões e hipóteses levantadas inicialmente. E com isso as atividades de escritas propostas durante o projeto tendem a fazer sentido uma vez que elas compreendem para que e para quem estão escrevendo dando à escrita um caráter social. A participação ativa das crianças em todas as tarefas desenvolvidas (leitura de um texto ou livro que fala sobre o assunto, bilhetes, cartazes) tornam a sala de aula um ambiente alfabetizador em que as crianças podem retornar ao texto escrito para o ler, ampliá-lo ou melhor compreendê-lo. E é com o contato com

diferentes textos, nos mais variados gêneros que temos um ambiente de letramento. Segundo Soares:

O alfabetizando considerado não como aluno, mas como participante de um grupo; o alfabetizador considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes considera não como aula, mas como diálogo. O próprio contexto em que se alfabetiza é alterado: não a sala de aula, mas o Círculo de Cultura (2003, p.120).

O problema inicial que são as perguntas das crianças vão sendo ao longo desse processo superadas e construídas de forma significativa e contínua. Muitas linguagens foram utilizadas dando significados a aprendizagens construídas. Foi prazeroso e significativo construir uma história com a participação das crianças e depois fazer um vídeo dessa mesma história coletiva. Elas participavam com deleite de cada etapa e cada descoberta e nessa alegria reconheciam no texto palavras e letras que trabalhávamos no roteiro do teatrinho “O monstro e o Girassol”. Por meio do projeto as crianças puderam vivenciar o teatro, a leitura e releitura de histórias, a escrita de diversos textos de forma significativa, brincadeiras, artes, pinturas estabelecendo assim, relações entre uma e outra atividade. Em que segundo Hernández (2000, p. 128) *Isso significa aceitar que os objetos não tem vida, mas adquirem sentido pela experiência de quem os olha e os possui.*

A maior dificuldade que encontrei foi ter o planejamento muitas vezes diferente do planejado. Queria ter feito passeios no Museu de História Natural da PUC para conhecermos outros tipos de sementes que tem exposto por lá, mas devido a minha turma ser mista, ter idade entre 3 e 4 anos o passeio não foi possível. Havia um documento da prefeitura que impedia crianças com idade inferior ou igual a 3 anos a sair da escola, mesmo com autorização dos responsáveis. As crianças dessa turma também eram muito infrequentes fazendo com que as vezes não pudesse dar segmento ao planejamento do dia mudando completamente a rotina.

Ter contato com a leitura e escrita na educação infantil, é um direito da criança. É possível trabalhar a alfabetização e letramento respeitando a infância, usando as múltiplas linguagens e práticas sociais tomando situações conhecidas do cotidiano da criança como possibilidades para levantar hipóteses em relação a

leitura e a escrita. E o projeto de trabalho pode tornar as práticas de leitura e escrita uma viagem pela descoberta do saber de forma prazerosa e significativa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRIBAS, Tereza Lleixá. **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
2. BAPTISTA, Mônica Correa. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: Currículo em movimento. Ministério da educação. Brasília, 2010.
3. BAPTISTA, Mônica Correa. **Leitura literária na primeira infância: a experiência da Bebeteca Can Butjosa em Barcelona**. Ed Positivo 2012.
4. BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
5. BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm acessado em 23 de janeiro de 2015.
6. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC-SEF. 1998. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social.
7. DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles *et* FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Projetos de trabalho na pré-escola**. Reflexões sobre a prática pedagógica na escola plural, os projetos de trabalho. Belo Horizonte: Segrac, 1996.
8. FERREIRO. Emília. **Deve-se ou não se deve ensinar a ler e a escrever na pré-escola? Um problema mal colocado**. In Reflexões sobre alfabetização. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
9. HERNANDÉZ, Fernando *et* VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
10. HERNANDÉZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.
11. LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **A pedagogia de projetos em questão**. Reflexões sobre a prática pedagógica na escola plural, os projetos de trabalho. Belo Horizonte: Segrac, 1996.
12. PARAÍSO, M. A. **É possível fazer um currículo desejar?** In: PARAÍSO, M. (ORG). Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba, CRV, 2010. P. 153-168.

13. PIAGET, Jean. **A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas**. Tradução Marion Merlone dos Santos Penna. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
14. PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. E. **Proposições curriculares, educação infantil Rede Municipal de Educação e creches conveniadas com a PBH**, Belo Horizonte, 2009.
15. SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**. In: **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contextos, 2003.
16. TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.
17. VYGOTSKY, L. (1998). **A formação social da mente**. Tradução de Monica Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes.